

# A *Água viva* de Clarice: criações na tradução

## Clarice's *Água viva*: creations in translation

Marcela Lanius\*

Marcia do Amaral Peixoto Martins\*\*

*Humor e jogos, risos e rodas, canções enrolavam-se  
graciosamente em torno de uma palavra que, por não  
ter ainda amado a sua verdadeira raiz, vergava um  
pouco ao vento.*

Jacques Derrida

Resumo: O presente artigo busca, por meio de uma análise das duas traduções da obra *Água viva* (1973) publicadas em língua inglesa, identificar e caracterizar duas diferentes imagens de Clarice Lispector no sistema anglófono. A primeira, construída por volta das décadas de 1980 e 1990, possui um tom que é marcadamente feminista, enquanto que a segunda, mais recente, parece buscar a preservação da característica estrangeira do tom e da imagem de Clarice.

Palavras-chave: Clarice Lispector; tradução literária; *Água viva*.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. E-mail: marcela.lanius@gmail.com

\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. E-mail: martins@domain.com.br

Abstract: The purpose of this article is analyze the two available translations of *Água Viva* (1973) published in English in order to identify and characterize two different images of Clarice Lispector existing in the English-speaking system. The first one, released between 1980 and 1990, evokes a more feminist tone, while the second and most recent one seems to maintain the alien and foreign tone of Clarice's writing.

Keywords: Clarice Lispector; Literary Translation; *Água Viva*.

# 1. O abandono da palavra: a busca da coisa em si

Clarice Lispector é, para seus leitores brasileiros, um monumento que se ergue apenas com o primeiro nome; a instituição do “furacão Clarice”, como foi descrita por Lêdo Ivo logo após o lançamento de seu primeiro livro, o qual tomou a crítica e o país de supetão. Clarice é, também, o encanto em forma de palavra. Considerada hermética pela crítica, que por vezes a elogiou e por vezes também a execrou, a escritora ocupa um local único dentro do sistema literário brasileiro: possui, mesmo décadas após sua morte, uma legião de admiradores e leitores ávidos, que buscam a si mesmos (e aos seus outros) nas narrativas de Martim, G.H, Macabéa, Joana, Virgínia, Lucrecia e tantos outros.

Ainda que não seja produtivo tentar identificar o quê, na escrita de Clarice, a torna tão única e tão admirada, é possível pensar que ela consegue operar aquilo que Barthes identifica como a opção de “trapacear (com) a língua” (BARTHES 1980: 16). Se a língua nos obriga a dizer, como o queria o mestre francês, Clarice transforma essa obrigação em busca incessante pela alteridade; pela coisa em si ou pelo instante-já; pela palavra que escapa às significações; pelo sentido que foge dos moldes fixos de interpretação.

Assim, parece ingênua a ideia de restringir à língua portuguesa a obra do furacão, da esfinge, da escritora que, segundo Gregory Rabassa, primeiro tradutor de Clarice para o inglês, se parecia com Marlene Dietrich e escrevia como Virginia Woolf. Ou então, como comparou a francesa Hélène Cixous, era a mulher que Kafka teria sido se não tivesse nascido homem; ou Rilke, se fosse uma judia brasileira nascida na Ucrânia; ou Rimbaud, se fosse mãe e tivesse chegado aos cinquenta; ou ainda Heidegger, se deixasse de ser alemão. Clarice é, portanto, a epítome da alteridade: é a mesma, a Clarice, mulher e escritora, e é ao mesmo tempo todos os seus outros - e todos os

nossos outros. Se a sua imagem permite a alteridade, será que sua escrita também a possibilita?

As evidências parecem sugerir que sim, há espaço para a alteridade nas vidas de seus personagens: afinal, a legião estrangeira de seus admiradores inclui figuras como Hélène Cixous e Benjamin Moser - a primeira, filósofa francesa que encontra na escrita de Clarice o símbolo máximo da sua *écriture féminine*; o segundo, atual biógrafo do furacão Clarice, é responsável pela tradução de *A hora da estrela* publicada em 2012 e também pelo movimento atual de edição e (re)tradução das obras da escritora para o sistema de língua inglesa.

Se escrever é “abandonar a palavra”, como queria Derrida (2014: 98), Cixous adotará para si a palavra órfã de Clarice. Em uma leitura por vezes complexa, problemática e de difícil caracterização, que vem sendo revista pela crítica nas últimas décadas (sobretudo pelo viés pós-colonial<sup>1</sup>), a apropriação que Cixous opera na obra da escritora brasileira é necessária para pensarmos uma construção primeira de Clarice em uma outra língua: é no francês, portanto, que Clarice começa a respirar a partir dos últimos anos da década de 1970<sup>2</sup>.

As palavras de Clarice também encontram casa na língua inglesa, em que vem sendo traduzida desde a década de 1960 e em que, graças a Cixous e Moser, ela passou a ocupar um lugar de proeminência ainda maior dentro do sistema literário.

Configuram-se, assim, dois momentos da imagem de Clarice enquanto outro: um primeiro, francês e depois importado para a língua inglesa, no qual sua obra exala a *écriture féminine* de Cixous; e um segundo, criado em sua totalidade dentro da cultura anglófona, no qual Clarice é a máxima de uma escrita da alteridade e é construída de modo a ser uma escritora que integra o cânone ocidental - este, curiosamente, predominantemente masculino. Se por um lado a palavra de Derrida não ama a sua verdadeira raiz (2014: 91), os

---

<sup>1</sup> O ensaio de Rosemary Arrojo intitulado “Interpretation as a possessive love: Hélène Cixous, Clarice Lispector and the ambivalence of fidelity” é um dos principais exemplos dessa crítica.

<sup>2</sup> 12 de outubro de 1978, segundo Koblucka e a própria Cixous.

novos leitores de Clarice em língua inglesa a amam incondicionalmente - na sua raiz e também na sua tradução. Com o intuito de identificar com mais clareza essas imagens de Clarice, analisaremos duas traduções para o inglês de uma de suas obras mais emblemáticas: *Água viva*.

A primeira tradução, realizada por Earl Fitz e Elizabeth Lowe e publicada em 1989 pela editora University of Minnesota Press, é acompanhada por um longo prefácio assinado por Hélène Cixous. Temos, portanto, essa primeira tradução como representante de uma Clarice ainda presa à leitura de sua interlocutora francesa, que busca situar a esfinge enquanto uma filósofa representativa de um novo modo de escrita. A segunda tradução, por outro lado, foi realizada por Stefan Tobler e publicada em 2012 pela editora Penguin. Ela conta com um prefácio de Benjamin Moser, o biógrafo de Clarice, e parece empreender um projeto de manutenção da “estranheza” do texto original, colocando na própria formatação do texto impresso sua interpretação da escrita fragmentária da obra.

Nesse ponto, se faz necessário pontuar alguns dos conceitos essenciais para esta discussão: a noção de *écriture féminine* conforme articulada por Cixous, que permite um entendimento da obra de Clarice como “silêncios subentendidos”, para usar uma expressão derrideana (DERRIDA 2014: 100); a ideia de traduzir a obra de Clarice como uma atividade que se opera em dois momentos: o primeiro, de uma retirada dos espinhos do cacto - resgatando a ideia de Claire Varin (2002: 33) - enquanto o segundo opera uma tentativa de preservação desses espinhos; e, por último, o aporte da virada sociológica dos Estudos da Tradução, que permite uma visão crítica sobre o lugar que a tradução e o original ocupam em suas culturas de produção e recepção.

## 2. As Clarices de língua inglesa

Na introdução ao primeiro volume dos seminários de Hélène Cixous para o inglês, a tradutora e prefaciadora Verena Andermatt Conley indica que

Cixous encontra a obra de Clarice em um momento no qual ela estudava a diferença sexual presente nas chamadas “economias libidinais” (CIXOUS 1990: viii), que representam os modos como o corpo se relaciona com as construções sociais de gênero. Isso significa que, na leitura de Cixous, há escritores homens que praticam uma escrita feminina, que seria marcadamente mais crua e mais ligada ao mundo subjetivo, ao mesmo tempo em que podem existir mulheres que possuem uma escrita marcadamente masculina. Contudo, é importante demarcar que isso não indica um caráter excludente das questões de gênero: segundo Cixous, todos os indivíduos apresentam uma essência masculina e outra feminina (1990: 4). A *écriture féminine*, portanto, nada mais é do que uma escrita voltada para o descobrimento do Outro, com o objetivo de desconstruir as hierarquias e construções sociais marcadamente patriarcais do *status quo*. O ato de leitura, para Cixous, é um ato que consiste em ouvir o outro; e, na obra de Clarice, a pensadora francesa destaca *Água viva* como o símbolo mais representativo desse modo de escrita (1990: viii).

Segundo Cixous, *Água viva* é uma obra tão crucial justamente porque é um livro governado por outra ordem (1990: 11); uma ordem que não preconiza o texto em sua forma final, mas sim o seu próprio nascimento. Cixous dirá ainda, em seu prefácio à primeira edição de língua inglesa do livro (1989: ix), que *Água viva* “foge da primeira regra de um texto”, já que não segue uma ordem linear. E é justamente por não seguir uma ordem linear que, segundo ela, o leitor pode abrir o livro em qualquer página e simplesmente começar sua leitura por ali.

É importante destacar também que a *écriture féminine* de Cixous não opera, necessariamente, um processo de desconstrução nos moldes derrideanos dessa vertente, mas sim um modo de escrita que nega uma pragmática tradicional e que subverte uma escrita “útil”, objetiva. É nesse sentido que o projeto de Cixous, ao propor um papel mais ativo para o leitor, também incentiva este a operar uma leitura mais atenta não a uma interpretação fixa, mas sim uma interpretação que dê ouvidos aos ritmos, processos e fluxos da narrativa:

O que é explicitamente afirmado no discurso do texto constitui apenas parte do grupo de significação. Há outros significados produzidos na superfície. O texto poderia também ser visto como uma pintura, uma partitura. Como o texto é impresso, as pessoas frequentemente se esquecem de que ele é móvel. Que está em movimento. Deve-se recuperar, sempre, o movimento do texto, o fato de que o significado o percorre como a música, que só nos atinge depois que foi tocada na íntegra. (CIXOUS 1990: 100)<sup>3</sup>

Ainda que a leitura de Cixous sobre a obra de Clarice esteja sendo revista pela crítica pós-colonial, a qual vê traços de uma apropriação desmedida por parte da filósofa francesa, é necessário preservá-la não só por sua importância crucial para a difusão de Clarice em outras culturas, já que ela atua como um dos grandes patronos internacionais de Clarice e desempenha um papel formador na imagem da escritora brasileira nos sistemas literários francófonos e anglófonos, mas também pela sua sensibilidade e potência que, por vezes, acabam sendo relegadas pela crítica.

Esses são os contornos da primeira Clarice que foi transportada para os Estados Unidos e para o sistema anglófono - e é essa a Clarice que será traduzida em 1989, e que será também prefaciada por Hélène Cixous. Há, assim, uma confirmação da posição central que a francesa detém sobre a imagem de Clarice nas décadas de 1980 e 1990, sobretudo no exterior.

Vinte e três anos mais tarde, porém, a Clarice e a *Água viva* que são retraduzidas já são outras. O início desse segundo projeto de tradução de Clarice está na biografia preparada por Benjamin Moser e publicada pela primeira vez em língua inglesa no ano de 2009. Intitulada *Why This World*, a pesquisa de Moser traça a vida de Clarice desde a trágica história de sua família na Ucrânia até os seus últimos meses no Hospital da Lagoa, situado na cidade do Rio de Janeiro. Essa obra única, que conversa com inúmeros

---

<sup>3</sup> Esta citação, assim como as demais extraídas de referências bibliográficas em língua inglesa, exceção feita às obras de Clarice vertidas para o inglês, foi traduzida pelas autoras. No original: “What is explicitly stated in the discourse of the text, is only part of the signifying group. There are other meanings that are produced by the surface. The text could also be considered like a painting, a musical partition. Because a text is printed, one often forgets that it is mobile. It is in movement. One should always bring back the movement of the text, the fact that meaning runs along it like music that reaches us only once it has been fully played.”

conhecidos e admiradores de Clarice, foi extremamente bem-recebida em sua cultura de produção, especialmente se levarmos em conta o fato de que até então o furacão Clarice havia sido lido quase que majoritariamente no circuito acadêmico. Os leitores brasileiros de Clarice, porém, teriam de esperar mais dois anos até que o texto fosse publicado no Brasil - onde também foi recebido de braços abertos.

Contudo, a biografia de Clarice não é um trabalho pontual da carreira de Moser. Em 2011, no mesmo ano que a sua bibliografia era publicada no Brasil, ele se incumbiu de retraduzir a última obra de Clarice publicada em vida: *A hora da estrela*. É nessa nova edição, publicada pela editora New Directions, que Moser inclui um posfácio que parece configurar como um manifesto de todo o projeto de tradução que se segue.

Resgatando a fala de Claire Varin, canadense que também se debruçou sobre a obra e a vida de Clarice para construir sua tese de doutoramento<sup>4</sup>, Moser indica que as traduções anteriores das obras de Clarice - ou seja, aquelas chanceladas por Cixous - por vezes acabavam removendo a estranheza da escrita da autora: aquilo que Varin identifica como os espinhos do cacto, e que Moser se compromete a restaurar.

Há, portanto, não só uma indicação clara do projeto de tradução que será empreendido por ele enquanto tradutor e também como editor, como também uma crítica explícita às traduções anteriores: “É necessário, portanto, que o tradutor resista à tentação de explicar ou reorganizar a sua prosa, que por vezes a enfraquece e remove aquela aura ‘estrangeira’ que é a sua grande marca, e também a sua glória.” (LISPECTOR 2012: 80)<sup>5</sup>

Tão necessário quanto entender as diferenças cruciais entre essas duas imagens de Clarice no sistema de língua inglesa é compreender, também, que uma imagem não anula a outra. Elas podem - e devem - coexistir porque juntas retratam um amplo panorama das diferentes vertentes, posicionamentos ideológicos e forças políticas que viram em Clarice um ícone:

---

<sup>4</sup> Publicada no Brasil sob o título *Línguas de fogo*.

<sup>5</sup> “The translator must therefore resist the temptation to explain or rearrange her prose, which can only flatten it and remove from it that ‘foreign’ aura that is its hallmark, and its glory.”

tanto a vertente feminista como a *écriture féminine*, a crítica canadense e o olhar crítico de um encantado leitor norte-americano encontraram na sua admiração pela grande escritora brasileira o início de tudo. Desse modo, é necessário celebrar as convergências e manter, sempre, o olhar crítico.

### 3. Tradução, apropriação, importação

Críticas à parte, as leituras de Cixous - e principalmente a de Moser - se tornam tão relevantes para a construção de uma imagem internacional de Clarice justamente porque seguem na contramão do que se espera das trocas culturais que envolvem a tradução. A questão de como, quando - e quem - traduz e interpreta Clarice é extremamente relevante para a discussão proposta, principalmente se considerarmos o espaço temporal de pouco mais de duas décadas que separa as duas traduções aqui discutidas.

Se a tradução não é meramente a tarefa solitária de um tradutor, mas sim um esforço conjunto que tem como peças-chave o agente da patronagem (resgatando o conceito proposto por Lefevere em 1992), o tradutor e o editor, e cujo palco constrói-se nas culturas de produção e de recepção, bem como os seus momentos históricos e motivações político-ideológicas, então é necessário recorrer à vertente sociológica dos estudos da tradução e dialogar com estudiosos como Heilbron (2010), Casanova (2010) e Heilbron e Sapiro (2007).

Heilbron e Sapiro propõem, em “Outline for a sociology of translation: Current issues and future prospects” (2007), uma análise da tradução que leve em conta as relações de poder entre os países e suas línguas - relações essas que podem ser de natureza política, econômica e/ou cultural. Isso porque um estudo sobre a tradução que leve em conta esses aspectos nos permitiria entender como se dá a tradução de uma língua que é politicamente inferior, ou como o cânone literário de um país cuja cultura é transportada para todo o

mundo (como é o caso do sistema anglo-saxão) acaba se tornando, ele também, mundial.

É com o aporte dessa visão sociológica da tradução que podemos pensar as diferenças políticas e culturais entre o português e o inglês, as línguas com as quais este trabalho dialoga. Embora não haja dúvidas de que o inglês seja uma língua central, como caracterizada por Heilbron (2010)<sup>6</sup>, enquanto o português é uma língua marginal, o que ocorre no processo de tradução das obras de Clarice para o inglês é justamente uma inversão dessas posições. Se tradicionalmente é a língua dominante que exporta, no caso de Clarice essa mesma língua consome uma escrita que foi originalmente produzida em uma língua marginal. Pode-se argumentar, é claro, que no caso do projeto empreendido por Moser há o início com a biografia de Clarice - inicialmente escrita em inglês para só então ser transposta para a língua marginal. Contudo, isso não invalida todo o projeto de leitura de Cixous e nem as traduções supervisionadas e editadas por Moser; e sim atesta, na verdade, a força que uma única escritora inserida dentro de uma língua marginal pode ter em um contexto dominante e central.

A visão sociológica da tradução é, como não poderia ser diferente, o resultado de uma série de mudanças ideológicas e metodológicas ocorridas dentro do campo dos estudos da tradução. Como Heilbron muito bem indica, o passo inicial seria a negação de uma análise da tradução que buscava examinar apenas para a relação dessa com o seu original (2010: 306), uma vez que qualquer resultado preso a essa ótica seria fruto de uma visão logocêntrica, girando unicamente em torno da fidelidade ao original.

O caminho a ser seguido para evitarmos essa discussão por vezes reducionista seria a realização de uma análise que envolvesse também os sistemas culturais nos quais o original e a tradução se inserem - e é esse o caminho que propulsionou, em meados da década de 1970, as teorias dos polissistemas como um pensamento de vanguarda nos estudos da tradução (HEILBRON 2010: 306). Por mais inovador que o pensamento de Even-Zohar

---

<sup>6</sup> Casanova (2010) também usará uma classificação similar, afirmando que existem línguas dominantes e línguas dominadas.

fosse, porém, era necessário dar um passo a mais; e é esse passo que a vertente sociológica realiza.

Heilbron propõe, nesse sentido, que pensemos a tradução de livros como um sistema internacional. Se a tradução é uma função das relações sociais entre idiomas (2010: 307), então a tradução de livros é uma ferramenta extremamente importante para que se entenda como essas relações sociais ocorrem.

Se para a teoria dos polissistemas cada cultura ou língua configura um sistema, para Heilbron há um grande sistema responsável por abrigar todas as línguas. Nele, dar-se-ia o que o autor identifica como uma troca “transnacional” (2010: 307) que, ao consumir e produzir traduções, acabaria revelando as desigualdades econômicas, políticas e culturais das línguas envolvidas. Essa troca, portanto, não é em momento algum igual, pois expõe as diferenças e acaba destacando mais ainda a língua dominante como um fator determinante para a difusão internacional da literatura produzida em línguas periféricas.

Sendo assim, é inegável a verdadeira revolução ocorrida nos últimos anos no que diz respeito à tradução de Clarice para o inglês. Enquanto a primeira Clarice, impulsionada e chancelada por Cixous, se faz presente em algumas traduções publicadas ao longo das décadas de 1980 e 1990, ela definitivamente ficou restrita ao meio acadêmico - e isso se deve, em grande parte, ao fato de que a própria Cixous também foi lida em um meio puramente acadêmico.

Contudo, a biografia de Moser e o novo projeto de tradução, que busca conservar os espinhos da escrita clariceana, revelaram as obras e a imagem de Clarice para o grande público leitor, emulando de certa forma a relação que o Brasil tem com ela. Vale, portanto, resgatarmos a ideia proposta por Heilbron e Sapiro (2007: 95) no que concerne os agentes responsáveis por intermediar os processos de importação e recepção de obras literárias - e pensar que esses interlocutores internacionais de Clarice, especialmente Moser e Cixous, atuam justamente nessa função. Afinal, como Casanova indica (2010: 294): “Mesmo os criadores mais consagrados, os grandes heróis da literatura, surgem apenas

em aliança com o poder específico do capital literário internacional e autônomo.”<sup>7</sup>

Outra imagem que é pensada dentro do viés sociológico da tradução está na noção proposta por Casanova (2010: 290) de que a relevância do autor traduzido em uma nova língua pode ser explicada de duas maneiras: de acordo com o lugar que ele ocupava na literatura do seu país de origem, ou de acordo com o lugar que ele já ocupa na literatura internacional.

A dupla excludente de opções proposta por Casanova, entretanto, parece não se aplicar ao caso de Clarice - que curiosamente é situada nos dois sistemas literários. Se por um lado a primeira Clarice do sistema de língua inglesa não compartilhava do mesmo lugar que ela ocupava na literatura do seu país de origem, ela sem dúvida já ocupava um lugar de destaque na literatura internacional. E o grande nome por trás dessa inclusão de Clarice no cânone mundial é Cixous - que, com sua recusa de se ater a uma visão teórica ou a um recorte sincrônico, se permite criar associações entre escritores como Clarice, Kafka, Blanchot e Joyce. Ela chega mesmo a dedicar um livro inteiro sobre isso: preparado, traduzido e publicado em 1991 pelo selo da Universidade de Minnesota, *Readings: the poetics of Blanchot, Joyce, Kafka, Kleist, Lispector and Tsvetayeva* traz alguns dos seminários da pensadora francesa nos quais ela opera uma leitura transversal entre esses autores tão heterogêneos.

O mais curioso dessa edição é que não há indícios da sua existência no francês, língua materna e de produção intelectual de Cixous; o livro parece ter sido preparado exclusivamente para o sistema de língua inglesa, de modo que já inclui Clarice em par de igualdade com um grupo de escritores considerados canônicos.

Por outro lado, a Clarice de língua inglesa dos últimos anos parece habitar os dois locais propostos por Casanova. Pode parecer confuso, mas na realidade essa segunda Clarice do sistema de língua inglesa é um amálgama das opções de Casanova. Ao popularizar a escrita de Clarice, o projeto de

---

<sup>7</sup> “The most consecrated creators, the great heroes of literature, only emerge in alliance with the specific power of autonomous international literary capital.”

tradução empreendido por Moser consegue reproduzir o lugar que ela ocupa na literatura brasileira, recriando traços como o apagamento de seu sobrenome - de modo a criar uma relação mais íntima com a escritora - e a preservação das idiossincrasias de sua escrita, refletindo na língua inglesa a estranheza da prosa clariceana. E, ao retirá-la do seu lugar de ícone da *écriture féminine*, a nova leitura de Clarice também acaba por situá-la como uma das grandes ficcionistas do último século, alçando-a novamente ao cânone mundial.

#### 4. Água viva e a pluralidade do instante-já

Uma vez que as devidas convergências e divergências das duas imagens de Clarice no sistema anglófono já foram demarcadas, vale mostrar como isso se dá na prática - ou seja, na tradução de *Água viva*.

Considerado um dos livros mais inquietantes e potentes de Clarice, sabe-se que ela própria lutou com a inquietação dessa escrita. Temendo que não fosse compreendido pelo fato de não apresentar um fio narrativo tradicional, Clarice adiou a sua publicação por três anos. Como Moser muito bem destaca em seu prefácio mais recente, *Água viva* realmente era um ponto solitário dentro da literatura da época: “seus parentes mais próximos são do campo das artes visuais ou da música” (2012: xiii)<sup>8</sup>.

No entanto, é justamente esse fluxo indeterminado e incerto da narrativa que encantou Cixous, já que a filósofa francesa encontra em *Água viva* a prática exemplar da sua *écriture féminine*, como observado anteriormente neste texto.

“Breathing Together”, o prefácio de Moser, também indica um forte sentimento de respeito e fascinação pela escritora brasileira. Ao afirmar que Clarice leva às últimas consequências os limites da linguagem (2012: xi), o biógrafo e editor também aproveita para reiterar o seu projeto de tradução:

---

<sup>8</sup> “Its closest cousins are visual or musical.”

Ao editar essas novas traduções, (...) procurei ter essa característica em mente. A prosa de Clarice pode soar muito estranha em tradução, mas é fato que ela soa igualmente peculiar no original. (2012: xi)<sup>9</sup>

É esse movimento de preservação e manutenção do que é inesperado, estranho e incomum na escrita de Clarice que opera mudanças impressionantes na tradução publicada em 2012. Ao afirmar que o livro foi escrito em fragmentos (2012: xii), Moser justifica, mesmo que indiretamente, a estruturação textual da nova tradução.

Mas as diferenças entre as duas traduções não ocorrem apenas no texto; elas se fazem presentes já no título da obra. Segundo Moser (p. xii), *Água viva* é o único livro de Clarice que não oferece uma “tradução pronta” - o que é curioso porque, se se decide manter o título original na tradução que edita, os tradutores que haviam trabalhado com o mesmo texto em 1989, Elizabeth Lowe e Earl Fitz, escolhem a tradução *The Stream of Life*; título que parece ter sido inspirado ou mesmo retirado, em sua totalidade, do prefácio de Cixous.<sup>10</sup>

Os diferentes títulos compõem, assim, o primeiro reflexo das duas Clarices que se fazem presentes no sistema de língua inglesa. Enquanto a tradução de 1989 busca na fala de Cixous uma validação ou explicação para o título, a segunda tradução segue um caminho diferente e deixa Clarice falar por si mesma, optando por manter o título do texto original e reproduzindo, no inglês, o desconforto que “água viva” causa nos leitores de língua portuguesa - afinal, não só é um título que não possui uma tradução pronta para o inglês como também é um que desarma os leitores nativos de português, já que à primeira vista parece não possuir ligação com a narrativa.

---

<sup>9</sup> “In editing these new translations, (...) I have kept [this] point very much in mind. Because no matter how odd Clarice Lispector’s prose sounds in translation, it sounds just as unusual in the original.”

<sup>10</sup> Vale destacar que o prefácio em questão parece compartilhar grandes passagens proferidas no seminário de Cixous sobre *Água viva*. Embora não seja possível, nesse momento, verificar qual deles foi escrito primeiro, o seminário parece anteceder o prefácio, já que há indícios de que ocorreu entre 1980 e 1985 (Cixous 1990: vii).

Outra discrepância que também ilustra perfeitamente os dois projetos de tradução se dá, como mencionado anteriormente, no próprio corpo do texto. Ainda que Cixous, no prefácio a *The Stream of Life*, afirme constantemente que o livro em questão é construído por fragmentos justamente porque busca escapar das amarras de uma narrativa linear, isso não é discutido a fundo - e a tradução acaba repetindo a estrutura textual do original, que marca apenas os parágrafos e mantém um texto corrido.

A *Água viva* de língua inglesa, por outro lado, opera uma transformação total em prol da estranheza e da natureza fragmentária da escrita de Clarice ao manter o título intocado e modificar a própria estrutura do texto: aqui, os parágrafos do texto original recebem um espaçamento maior entre eles, emulando a ideia de fragmentos soltos. Assim, vê-se que a segunda tradução leva às últimas consequências a tentativa de criar uma sensação de desconforto no leitor: “não é confortável o que te escrevo”, já anuncia a narradora (LISPECTOR 1998: 17). Se a escrita de Clarice força os moldes tradicionais da linguagem, também sua tradução força os limites de uma nova experiência de leitura.

No entanto, a divergência mais emblemática dessas duas edições talvez esteja na tradução de um único termo, ele mesmo essencial para a obra de Clarice e para o seu projeto enquanto escritora.

O “instante-já”, termo em questão, me parece tão significativo para esta análise justamente por ser representativo da busca incessante da narradora de *Água viva* e também por ser, de certo modo, algo presente em suas outras obras: seus personagens estão sempre procurando a coisa em si; o instante-já - conceitos sempre fugidios e sempre indescritíveis. O segundo parágrafo de *Água viva* traz (1998: 9, grifo nosso):

Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do **instante-já** que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. **Quero apossar-me do que é da coisa.** Esses instantes que decorrem no ar que respiro: em fogos de artifício eles espocam mudos no espaço. Quero possuir os átomos do tempo.

É esse instante-já que será traduzido de diferentes maneiras, refletindo também as duas Clarices presentes na língua inglesa - uma, essencialmente francesa; outra, essencialmente estrangeira.

Temos, portanto, a primeira tradução, publicada em 1989 e chancelada por Cixous, que por sua vez recebe grande destaque: seu prefácio conta com cerca de 30 páginas e é mencionado na capa, que por sua vez dá destaque igual para o nome de Clarice e para o nome de Cixous. A tradução preparada por Elizabeth Lowe e Earl Fitz se pretende fiel ao original, seguindo a tendência proposta por Cixous de ser fiel à palavra (CIXOUS 1990: 100): “É necessário ir até a própria fonte, a fim de não perder parte da realidade de um texto.”<sup>11</sup> Nessa tradução, o parágrafo acima é recriado da seguinte maneira (LISPECTOR 1989: 3-4, grifo nosso):

Let me tell you... I'm trying to capture the fourth dimension of the **now-instant**, which is so fleeting it no longer is because it has already become a new now-instant, which also is no longer. Each thing has an instant in which it is. **I want to take possession of the thing's is.** Those instants that elapse in the air I breathe: in fireworks exploding silently in space. I want to possess the atoms of time.

Além da curiosa inversão da ordem das palavras do “instante-já”, essa tradução apresenta uma modificação visível da pontuação empregada por Clarice. Os dois pontos ao final de “Eu te digo” são substituídos por reticências, e há o acréscimo de duas vírgulas - uma modificação bastante comentada pela crítica. Como Conley<sup>12</sup> aponta (CIXOUS 1990: viii), “A pontuação empregada por Lispector costuma ser modificada por seus tradutores, alterando o sentido do texto”<sup>13</sup>.

A segunda tradução, por outro lado, traduz esse mesmo parágrafo da seguinte maneira (2012: 3, grifo nosso):

<sup>11</sup> “It is necessary to go to its very source, in order not to lose part of the reality of a text.”

<sup>12</sup> Verena Andermatt Conley também é a responsável pela tradução, para o inglês, do prefácio de Cixous que é publicado na edição de *Água viva* em questão aqui.

<sup>13</sup> “Lispector’s use of punctuation is often modified by translators, thus affecting the meaning of the text”.

Let me tell you: I'm trying to seize the fourth dimension of this **instant-now** so fleeting that it's already become a new instant-now that's already gone. Everything has an instant in which it is. **I want to grab hold of the is of the thing.** These instants passing through the air I breathe: in fireworks they explode silently in space. I want to possess the atoms of time.

Vê-se que essa tradução apresenta consideráveis diferenças se comparada com a anterior. A primeira delas é o “*instant-now*”, que reverte a ordem das palavras de volta para a ordem do texto original e mantém, portanto, o espinho principal do cacto. No entanto, o traço mais curioso dessa nova tradução sem dúvida é a explicitação prática da tentativa de Moser de manter a estranheza da prosa clariceana. Em outras palavras, Stefan Tobler consegue criar, na sua tradução, o exato efeito que o texto original exala: uma prosa estranha, que é estrangeira mesmo que o leitor consiga ler todas as palavras que ali estão.

A frase “quero apossar-me do que é da coisa” talvez ilustre tão bem quanto o “instante-já” os opostos de fidelidade e estranhamento presentes nessas duas traduções. Traduzida por Lowe e Fitz como “I want to take possession of the thing's is”, a frase explicita uma preocupação extrema em manter-se fiel à forma e à construção do texto original: o verbo “apossar” é traduzido como “take possession”, copiando até mesmo a fonética do português. Assim, vê-se que a tentativa de se manter fiel ao original que acaba não se concretizando - justamente porque a linguagem escolhida pelos tradutores não reflete a escrita de Clarice, de modo que a interferência no texto se torna inevitável. A tradução de Tobler, por outro lado, consegue criar uma Clarice que é tão estranha em inglês quanto aquela do português: “I want to grab hold of the is of the thing.” Curiosamente, o único traço que une as duas traduções é a marcação do verbo, algo que não ocorre no original.

É importante destacar que esta análise não busca dialogar com questões como a equivalência ao texto original, a fluência ou a legibilidade da tradução; as duas águas vivas vertidas para o inglês na verdade parecem comprovar a impossibilidade de um sistema logocêntrico, centrado em um sentido único. Afinal, os sentidos da escrita de Clarice são múltiplos, assim

como as suas traduções. A impossibilidade de se fixar a tradução do “instante-já” não é mais do que um reflexo da própria inquietação que esse termo provoca - tanto nos tradutores como nos leitores, nos editores e nas culturas que receberam essas traduções. Barthes identifica na literatura um ato de trapacear a língua (1980: 16); talvez a tradução também seja um ato de trapaça - com a língua.

## 5. A permanência da escrita

Ao discutir a relevância social da tradução para a disseminação de literaturas produzidas em línguas dominadas, Casanova (2010: 294) resgata a imagem da língua como uma prisão para retratar o destino daqueles escritores que por ventura acabam ficando confinados à sua língua de produção e que nesse processo são privados da verdadeira liberdade: a de transitar livremente por outras línguas e culturas.

Os interlocutores internacionais de Clarice, bem como as traduções de *Água viva* e os prefácios que as acompanham, parecem indicativos sólidos de que Clarice já rompeu essa prisão do idioma há muito tempo; e que o passado de fugitiva de uma língua sequer a marcou - para seus leitores de língua inglesa, ela é Clarice, a escritora enigmática; ignora-se o sobrenome, assim como o faz a sua legião brasileira.

Os grandes responsáveis por essa fuga de Clarice para o inglês são, é claro, tradutores e leitores como Cixous - que, mesmo não traduzindo, atua como um mecanismo integral para o reconhecimento de Clarice no sistema de língua inglesa. Afinal, são eles os responsáveis pela “comunicação entre línguas” (HEILBRON 2010: 306), possibilitando que o instante-já de Clarice seja multiplicado.

Derrida dirá que a letra “é a separação e o limite no qual o sentido se liberta de ser aprisionado na solidão aforística” (2014: 100); mas é também nela que o instante-já e a água viva de Clarice se libertam, ao serem

LANIUS, M.; MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. — A Água viva de Clarice: criações na tradução

traduzidos e lidos de maneiras que refletem, às suas maneiras, os diferentes projetos de seus interlocutores.

## Referências bibliográficas

- ARROJO, Rosemary. Interpretation as a possessive love: Hélène Cixous, Clarice Lispector and the ambivalence of fidelity. In: *Postcolonial Translation - Theory and Practice*. Edited by Susan Bassnett and Harish Trivedi. London and New York: Routledge, 1999. pp. 140 - 161.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CASANOVA, Pascale. Consecration and Accumulation of Literary Capital: Translation as Unequal Exchange. Translated by Siobhan Brownlie. In: BAKER, Mona (Ed.) *Critical Readings in Translation Studies*. London/New York: Routledge, 2012. pp. 285-303.
- CIXOUS, Hélène. Foreword. In: LISPECTOR, Clarice. *The Stream of Life*. Translated by Elizabeth Lowe and Earl Fitz. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989, pp. ix -xxxv.
- \_\_\_\_\_. *Reading with Clarice Lispector*. Translated by Verena Andermatt Conley. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Readings: The Poetics of Blanchot, Joyce, Kafka, Kleist, Lispector, and Tsvetayeva*. Translated by Verena Andermatt Conley. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.
- DERRIDA, Jacques. Edmond Jabès e a Questão do Livro. In: *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.
- HEILBRON, Johan. Towards a Sociology of Translation: Book Translations as a Cultural World System. In: BAKER, Mona (Ed.) *Critical Readings in Translation Studies*. London/New York: Routledge, 2012. pp. 305-316.

LANIUS, M.; MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. — A Água viva de Clarice: criações na tradução

\_\_\_\_\_; SAPIRO, Gisèle. Outline for a Sociology of Translation. In: WOLF, Michaela; FUKARI, Alexandra (Eds.) *Constructing a Sociology of Translation*. New York/Amsterdam: John Benjamins, 2007. pp. 93-105.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London/New York: Routledge, 1992.

LISPECTOR, Clarice. *The Stream of Life*. Translated by Elizabeth Lowe and Earl Fitz. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.

\_\_\_\_\_. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. *Água Viva*. Translated by Stefan Tobler. Edited by Benjamin Moser. New York: Penguin, 2012.

MOSER, Benjamin. Translator's Afterword. In: LISPECTOR, Clarice. *The Hour of the Star*. Translation by Benjamin Moser. New York: New Directions, 2011, pp. 79-81.

\_\_\_\_\_. Breathing Together. In: LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Translated by Stefan Tobler. Edited by Benjamin Moser. New York: Penguin, 2012. pp. vii-xiv.

VARIN, Claire. *Línguas de fogo*. Tradução de Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Limiar, 2002.

*Data de submissão: 08/09/2016*

*Data de aprovação: 21/11/2016*